



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

APRESENTAÇÃO

TEXTO ESCRITO: O LUGAR ONDE FILOGIA E LINGÜÍSTICA DIALOGAM

Written text: the place where Philology and Linguistics dialogue

Antonieta Buriti de Souza HOSOKAWA (GEFES-CNPq/UFPB)¹
Renata Ferreira COSTA (GEFES-CNPq/UFS)²

O termo Filologia, de origem grega (Φιλολογία), tem mais de vinte e quatro séculos de existência documentada e passou ao latim (*philologia, ae*) com o sentido de “amor pelo conhecimento; gosto pelas letras; estima pela erudição; culto da sabedoria”, sendo empregada, conforme Silva (2002, p. 54), “para indicar toda a sorte de indagações sobre os textos de qualquer natureza – históricos, religiosos, filosóficos, literários e científicos – com a finalidade de preservá-los e de interpretá-los corretamente”.

Definir o conceito e o âmbito da Filologia, no entanto, esbarra em divergências de autores de diferentes épocas e lugares. Desta forma, entre as ciências do texto, a Filologia está definitivamente marcada pelos problemas da polissemia.

A polissemia do conceito se explica pelo fato de essa ciência, que se constitui como tal no século XIX, possuir um caráter transcendente, uma vez que, sendo “eminente histórica”, como afirma Spina (1994, p. 17), não pode desvincular-se de todos os aspectos intrínsecos e extrínsecos dos textos que se propõe a estudar, contando, para isso, com o auxílio de outras ciências, como a Linguística, a Literatura, a História, a Filosofia, a Paleografia, a Codicologia, a Diplomática, etc. Logo, “os filólogos trabalham num campo interdisciplinar em que é preciso buscar, reunir, integrar informações advindas de várias fontes e ciências” (MARTINS, 2021).

¹ Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, Paraíba, Brasil. Departamento de Letras (CCAUE); Grupo de Estudos Filológicos em Sergipe – GEFES-CNPq; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4285-0655>; antonietauriti@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Departamento de Letras Vernáculas (DLEV); Grupo de Estudos Filológicos em Sergipe – GEFES-CNPq; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4263-4955>; renatacosta@academico.uf.br

Os linguistas e filólogos portugueses Leite de Vasconcelos e Carolina Michaëlis empregaram a expressão “filologia portuguesa” para definir:

[...] o estudo da língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua. (LEITE DE VASCONCELOS, 1926, p. 9 *apud* SILVA, 2002, p. 59).

[...] o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, [...] mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional. (CAROLINA MICHAËLIS, 1946, p. 152 *apud* SILVA, 2002, p. 59).

A definição desses estudiosos aproxima a Filologia do conceito de Linguística. No entanto, para o linguista Ferdinand de Saussure, há uma distinção nítida entre essas duas ciências, apesar dos pontos de contato e os serviços que uma presta a outra:

A língua não é o único objeto da filologia, que pretende, antes de tudo, fixar, interpretar e comentar os textos; esse primeiro estudo faz com que se ocupe também com a história literária, costumes, instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda as questões linguísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua arcaica e obscura. (SAUSSURE, 1972, p. 13-14 *apud* BASSETTO, 2005, p. 35).

Saussure considera que a tarefa fundamental da Filologia não é a de fazer a descrição e a história das línguas (função da Linguística), mas estudar os textos e tudo o que for necessário para torná-los acessíveis, o que implica o conhecimento da língua utilizada e todo o universo cultural que essa língua representa. Pode-se afirmar, portanto, que os linguistas são os estudiosos das línguas, enquanto os filólogos são os estudiosos dos textos.

Nessa mesma perspectiva, Sílvio Elia (1974, p.10) explica que “estabelecer as causas psicológicas, sociológicas ou estruturais dos fenômenos linguísticos é fazer Linguística; iluminar um texto por meio de comentários da mais variada natureza é tarefa da Filologia”.

A partir daí, é possível considerar o conceito de Filologia em duas perspectivas ou direções:

En sentido estricto por filología se entiende hoy comúnmente la *crítica de los textos* y, en un sentido más amplio, *la ciencia de todas las informaciones que se deducen de los textos*, especialmente antiguos, sobre la vida, la cultura, las relaciones sociales y familiares, económicas, políticas y religiosas, etcétera., del ambiente en que los textos mismos se escribieron o a que se refieren. (COSERIU, 1983, p. 8).

Em outras palavras, há que se considerar que a Filologia:

- Em sentido amplo (*lato sensu*), dedica-se ao estudo científico de um estado de língua atestado em documentos, literários e não literários, explorando-os exaustivamente em seus mais variados aspectos.
- Em sentido estrito (*stricto sensu*), concentra-se no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para a publicação.

Finalmente, o filólogo, em seu labor investigativo, apoia-se em textos escritos como documentos que testemunham feitos históricos, políticos, sociais, culturais e linguísticos, levantando a sua historicidade e editando-os, de modo a preservá-los, restitui-los à sua genuinidade e torná-los acessíveis. De acordo com Castro (1992, p. 124) a ciência filológica

[...] estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor.

No que tange, especificamente, à práxis filológica de edição de textos, ressalta-se a sua relevância a fundamentar os estudos de sincronias passadas da língua, na medida em que facilita o acesso às fontes documentais escritas e fornece edições rigorosas e fidedignas. Isso porque qualquer pesquisa realizada com textos os reconhece como testemunhos do passado, ou pelo menos de uma parcela dele, capazes de explicar usos linguísticos pretéritos e elucidar processos históricos da mudança linguística. Deste modo, “es legitimo defender que hacemos, más que historia de la lengua, una historia de la lengua de los textos, un estudio de la historia lingüística de los textos, o, más bién, de sus testimonios” (PONS RODRÍGUEZ, 2006, p. 9).

No estabelecimento desse diálogo bastante produtivo entre a Filologia e a Linguística, especialmente a Linguística Histórica, um texto remanescente configura-se como suporte do repertório vocabular da língua e, por extensão, dos resquícios da cultura que essa língua representa, considerando as palavras e expressões em seu uso social, o que permitirá conhecer ou resgatar a memória de um povo. Nesse contexto, Abbade (2008, p. 716) assevera que “estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala”.

O lugar de encontro da Filologia e da Linguística, em seus mais diversos planos de investigação, mas principalmente no que diz respeito aos estudos lexicais e semânticos, é o texto escrito, na relação que este estabelece com a língua e a cultura.

No contexto dessa interação entre essas ciências, vale mencionar que Platão acreditava que os seres humanos viviam em dois mundos diferentes: o mundo das muitas coisas particulares, que estão constantemente mudando e que são apreendidas através dos nossos sentidos corporais, e um mundo perfeito, imutável e eterno, conhecido através de nossas mentes. Levando em consideração o pensamento desse

filósofo, caberia, portanto, aos seres humanos, falantes de uma determinada língua, atribuir nomes a essas coisas particulares por meio da palavra, tornando-as comuns a todos os usuários da língua, pois, somente assim, eles poderiam se comunicar. Importante destacar que a língua, enquanto fenômeno social, vive em constante processo de evolução e, conseqüentemente, sofre essas mudanças gradualmente com o passar do tempo.

A. Darmester, em *La vie des mots* (1937), atesta que, em virtude de toda língua estar em constante evolução, nela sempre concorrem duas forças opostas: uma que determina a conservação de termos clássicos do idioma e outra que motiva, no nível lexical, a criação de novos termos.

Essa constatação sugere que a tendência à mudança na língua ocorre em função da dinamicidade sócio-histórico e cultural da sociedade, o que influencia e define as escolhas linguísticas e a atribuição de sentido às palavras, pois, em função da necessidade de seus falantes nomearem novas ações e/ou novos itens lexicais é que surgem as convenções à denominação de tudo que os cerca, de modo que essa se torna comum e legitimada por todos os homens de uma determinada comunidade linguística, pois somente assim há a possibilidade de entendimento e comunicação entre os usuários de uma dada língua compartilhada, seja de forma oral ou escrita.

Enquanto surgem novas palavras, outras caem em desuso, por isso, é necessário desenvolver estudos visando salvaguardar esse repertório vocabular, para não cair no olvido das sociedades, pois o léxico³ de uma língua é o maior tesouro da memória de geração a geração.

Para Genouvrier e Peytard (1973, p. 297),

[...] o léxico de uma língua é o lugar das mais amplas variações, já que certas palavras caem em desuso quando outras são criadas conforme as necessidades da denominação (isto é, segundo as necessidades sócio-culturais do meio) [...]

Nesse mesmo viés, Biderman (2001a) e Alberti (2005, p. 39) consideram o léxico de uma língua natural como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, uma herança de signos (lexicais) e de categorias de geração de novas palavras herdadas. Como sistema aberto, o léxico encontra-se permanentemente em reelaboração, sensível a mudanças sociais, políticas e tecnológicas.

[...] o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam mudanças nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. (BIDERMAN, 2001b, p.179).

A partir da noção de que a língua é a herança cultural daqueles que dela fazem uso é facultada, aos seus falantes, a criatividade lexical, por esse motivo, é necessário estudá-la com profundidade nos diversos

³ De acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008), léxico tem origem no grego *leksikós* e significa “a compilação de palavras de uma língua”, ou seja, é o conjunto de palavras existentes em uma determinada língua.

falares e registros deixados pelo homem, pois o léxico de uma língua propicia uma visão plural sobre o ser humano e sobre a sociedade de uma determinada época em seus mais diversos aspectos. A partir dos estudos do léxico é possível compreender, então, as relações entre língua e cultura, assim como observa Abbade (2015, p. 73):

[...] os estudos lexicais de uma língua abrem diversas possibilidades de se conhecer a história sociocultural do povo que a utiliza. Cada palavra tem o seu significado próprio de acordo com a época, o grupo social, a região em que a mesma é utilizada.

Acompanhar o processo histórico de constituição do léxico de uma língua e, por conseguinte, das características culturais da comunidade que a utiliza, requer o amparo em fontes documentais remanescentes, vistas a partir do contexto social em que foram produzidas. Essa é uma das tarefas da Filologia, que parte do texto escrito para a compreensão dos aspectos socio-históricos e linguísticos.

Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão-SE, 07 de julho de 2021.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Mamanguape-PB, 07 de julho de 2021.

Referências

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Filologia e o Estudo do Léxico. **Cadernos do CNLF**, Série X, p. 716-721, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_244.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A teoria dos campos lexicais. *In*: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S.; SOLEDADE, J. **Saberes lexicais: mundos, mentes e usos**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ALBERTI, Janaina Ramos. **Neologia lexical: um estudo da fala e da vida de bilingues fala dialetal italiana (RCI-RS)**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul-RS, 2005. 129 p.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana M. P. P. de O.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.). **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001a. p.13-31.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. **Teoria lingüística: leitura e crítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem... *In*: **Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina**. Vol. I (Conferências Plenárias). Campinas: UNICAMP, 1992.
- COSERIU, Eugenio. Objeto de la Lingüística. **Introducción a la Lingüística**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p. 7-12.
- DARMESTER, A. **La vie des mots étudiés dans leurs significations**. 19. ed. Paris: Delagrave, 1937.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [s.l., s.n.]. [20--]. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>. Acesso em: 27 dez. 2020.

ELIA, Sílvio. **Preparação à Linguística Românica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. **Linguística e ensino do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

MARTINS, Ceila M. F. B. R. **Sobre o Retorno à Filologia**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-16.html>. Acesso em: 05 jul. 2021.

PONS RODRÍGUEZ, Lola. Introducción: la historia de la lengua y la historia de las transmisiones textuales. In: PONS RODRÍGUEZ, Lola. (Ed.). **Historia de la lengua y crítica textual**. Madrid/ Frankfurt: Iberoamericana/ Vervuert, 2006. p. 9-17.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. A Palavra Filologia e as suas Diversas Acepções: os problemas da polissemia. **Confluência** – Revista do Instituto e Língua Portuguesa, n. 23, 1º sem. 2002, Rio de Janeiro, p. 53-70.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética/ Edusp, 1994.